



**PATRIMONIALIZAÇÃO DE UMA FÁBRICA:
DAS AGULHAS ÀS GREVES – MUSEIFICANDO À MEMÓRIA**
Maysa Luana Silva¹ Graduanda no curso de Antropologia – Universidade Federal
de Pelotas
Orientador(a): Louise Alfonso



(FOTOTECA-IMAGEM26FOTOTECA-MEMÓRIA DA UFPEL)



(IMAGEM-84-FOTOTECA)

(EX-FUNCIONÁRIO.) Tinha máquina aqui pisava o pessoal, a maioria se machucava. Aqui chegava a pipocar, arrancava braço, dedo. Ai veio até o MPS aqui uma vez e abriu a máquina. Era uma velocidade enorme. Uma vez, o cara meteu a mão ali, 6 horas da manhã, ele tinha que entregar pra mim a máquina, cheguei aqui o cara tava sem o braço, caído, ossos.

O Projeto de Implantação do Museu de Antropologia e Arqueologia foi estabelecido para ter como espaço a antiga fábrica Laneira (Fábrica de lã), situada no bairro Fragata, Pelotas-RS. Onde será a Casa dos Museus da Universidade Federal de Pelotas. A indústria Laneira Brasileira Sociedade Anônima, instalada no bairro Fragata, encerrou suas atividades no final dos anos de 1990. A equipe do MUARAN, foi a Laneira junto aos antigos operários e operárias para entender as dinâmicas da fábrica, ou seja, o funcionamento e a significação da fábrica em suas vidas, dada a relação entre trabalho e memória.

Pretendo neste breve estudo, analisar os aspectos da sobrevivência memorial a partir dos diálogos dos ex-funcionários (as) da Laneira, para poder problematizar a questão que Candue Joel traz em seus estudos sobre memória, tradição e identidade. Ele denomina como “**memória das tragédias**”, ou seja, o patrimônio que se constitui a partir da memória por vezes dolorosa da lembrança, o que em nosso contexto serve até mesmo para reivindicar a importância do histórico de greves, processos judiciais e hostilidade do ambiente fabril da fábrica Laneira.

Abaixo insiro quais foram os principais temas que os trabalhadores(as) trouxeram para a equipe no MUARAN (Museu de Antropologia e Arqueologia).

- Máquinas e o potencial de ferimento
- Doenças referentes a péssimas condições de trabalho
- A importância da Laneira para a economia da cidade de Pelotas
- Os processos judiciais trabalhistas contra os patrões
- Greves e atuação sindical
- Aspectos do funcionamento da fábrica

Segundo Candau Joel, a patrimonialização dessas memórias no museu poderia confortar o sentimento de pertencimento e identidade. Mas, podemos também encontrar o inverso desta ideia, já que muitos funcionários nos disseram que alguns dos antigos trabalhadores que tinham sequelas físicas não gostariam de voltar à fábrica. Isso também nos leva a questionar essa memória hegemônica de um determinado grupo. Sendo que o que chamamos de memória coletiva pode não ser coletiva, a memória individual pode bloquear a representação da memória coletiva. Quero dizer que, nos relatos dos antigos funcionários(as) noto que, enquanto um determinado grupo levanta acontecimentos conflituosos, outros fazem questão de dizer o quanto era bom o funcionamento da fábrica e a função dela na economia da cidade. Sendo assim, o lugar das memórias precisa ser questionado quando se entra em um processo de transformação de uma fábrica, em um museu patrimonial.

Alguns dos funcionários não hesitaram em falar sobre os funcionários que permaneciam com agulhas no corpo, estes não compareceram à volta a Laneira, mas foram citados:

(EX-FUNCIONÁRIA.6) E a Célia também, que tem 3 agulhas na mão, não conseguiram tirar as agulhas.